

AUTOBIOGRAFIA DA COMPANHIA

(1974 a 2024 – um percurso de 50 anos)

A Cafinvenções veio dar continuidade a todo um trabalho desenvolvido em torno da arte, da cultura e da educação junto das comunidades mais desfavorecidas e com uma área artística muito focada no teatro de marionetas e as formas animadas. No fundo, a nossa essência está ligada a um longo percurso do passado, ainda no início da nossa liberdade em Portugal, o após 25 Abril. Embora sejamos uma associação recente criada em 2008 ela é corolário de todo este percurso.

Mestre Filipe tinha a grande vontade que a União Humana fosse grande, construtiva e saudável... Que a Educação Cívica e Cultural chegasse a todos... A sua grande paixão era as Marionetas e as Crianças... E com este espírito continuaremos a trabalhar nessa linha... por um Mundo Melhor.

... ..

Os Textos aqui escritos são extraídos de:

- Jornal Expresso/2001
- Memórias do grupo
- Excertos de divulgação e currículo da companhia



Luís Filipe Ferreira Baptista, nasceu em Lisboa a 24.08.1945 e morreu a 23.4.2008
Desde muito novo que se mostrou um apaixonado pelo teatro de marionetas.

Aos 12 anos, contava, era um “puto de Lisboa”, assistia aos espectáculos de “Robertos”, que montavam nas ruas e nos largos, pequenos espectáculos de touradas e de histórias de barbeiros. Era daqueles putos que gostava mais de ver os bastidores do que de ver os bonecos da parte de fora e muitas vezes levando um “coice”! Fascinado pelos segredos e truques da manipulação dos bonecos, espreitava curiosamente atrás das barraquinhas de fantoches.

Mal sabia ele que iria fazer parte do mundo das marionetas.



Hoje a coleção ultrapassa as cinco dezenas, marionetas de luva, de tranca, de fio, grandes e pequenas, de corpo inteiro e marotes, de esferovite, de massa e de latas, de plástico, de madeira, todas são um reflexo da imaginação, todas exigem mãos habilidosas que as construam e lhes deem vida, que as façam dançar, saltar, correr, equilibrar-se com movimentos tão perfeitos quanto os de um humano.

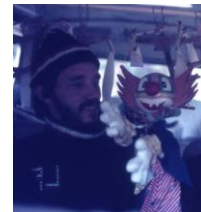


«Algumas são especiais! Como o Patata, o pato amarelo de madeira que gosta de dançar e cantar. Foi um dos primeiros a ser construído e já vai com 3 mudas de roupa mas nunca me desfiz do «artista mais velho da companhia».



O “Bolinhas” também fez parte da nossa grande história... foi criado pelo Filipe em 1975, percorreu várias terras do interior do país, passou pela Europa e acabou deixando um irmão gémeo em África.

Com ele trabalhou amadoramente, aprendeu, representou, animou e cresceu.



Mais tarde foi reconstruído para seguir ao seu lado.



Tornou-se gigantone e clonou-se também numa marioneta de tranca. Acompanhou toda a vida e todo o percurso de Filipe, sendo o primeiro logótipo e mascote do grupo.

Foi com o Bolinhas que Mestre Filipe caiu em palco num dos últimos espetáculos que deu, ainda em pé... ficando depois internado, em 2003, devido a uma doença do foro vascular.

Foi com o Bolinhas que entrou no bloco operatório no Hospital Stª Maria.

Foi com o Bolinhas que recuperou nas suas bicicletas de Fisioterapia que os amigos inventaram e a montaram para ele poder praticar no Ateliê.

Foi com o Bolinhas que ganhou forças para continuar a viver com o apoio da Família e Amigos.



Foi com o Bolinhas que iniciou o seu novo e último trabalho intitulado “Brin’Cadeira” acompanhado pelas suas duas filhas.



Foi com o Bolinhas que um dia desistiu, chegando a tentar o suicídio. E foi ao Bolinhas que ele quis dar a honra de fazer parte da história das Marionetas, tendo sido doado ao Museu das Marionetas de Lisboa em Dez/2009.

-- . --



«Durante a guerra colonial, na Guiné, já planeava actividades junto das crianças transformando, com a ajuda da costureira da aldeia, sacos de farinha em calções de ginástica.» E ria-se bem alto. Este terá sido os primeiros contactos e experiências com crianças, **as que iam com latas de óleo vazias apanhar os restos que a tropa tinha deixado...**

Comovido, encontrou uma forma de os ajudar a crescer. «**Montei lá uma escola primária e fiz amigos guineenses.**» Deixou boas recordações e boas acções. Victor Baldé, por exemplo, era um puto “inimigo” de guerra. Cresceu, aprendeu e mais tarde, quando conseguiu o mestrado tirado em Portugal dedicou-lhe orgulhosamente esse trabalho, afirmando não ser racista devido á boa conduta deste Ser Humano que, apesar de ser “branco” o ensinou a ser um bom homem, orgulhoso da sua Raça e um bom Cidadão.



Luís Filipe foi técnico de televisão e depois de computadores na «Regisconta», em Lisboa.

Casou e teve duas filhas, a Carla e a Filipa.

Foram morar para Odivelas, mas, entretanto, divorciou-se.

A sua ex-mulher tinha participado desde o início ao lado de Luís Filipe, e, paralelamente ao seu trabalho de secretária na «Citroen», contava histórias e elaborava novos projectos e novas actividades para o grupo

actuar. O divórcio fê-la desligar-se desta área.

Luís foi morar durante uns largos anos no Parque Campismo do Monsanto, em Lisboa. E, mais tarde, comprou um andar em Odivelas, local onde moravam as suas filhas com a Mãe, até o final da sua vida.

Nos anos logo a seguir à Revolução os seus fins de tarde e os fins-de-semana eram passados em espaços cedidos pelas juntas de Freguesia para ele, enquanto amador, entreter e iniciar os mais novos no Ofício.



(1974) fundou então um grupo, com os jovens estudantes e amigos dessa geração com o **“Movimento de Criatividade Juvenil”** e dividiam um espaço com outra associação na Casa dos Tabuenses em São Bento.

Foi com este grupo de animadores socioculturais, que movimentou e dinamizou centenas de jovens em áreas como: Teatro de Marionetas; Expressão corporal; Atividades de ar livre. Nesta altura havia muitos grupos dinâmicos e interventivos onde a Arte de fazer coisas crescia cheia de novas liberdades...



(1975) Orientam colónias de férias no Cabedelo, nos serviços de Obras Sociais e desenvolveram actividades no âmbito de ocupação de tempos livres, para a juventude e infância.



(1976) Com este grupo, M.C.J. organiza e orienta a “Campanha de Trabalhos Educativos”, apoiado pelo F.A.O.J., que consistiu entrar, pela 1ª vez, a animação nas escolas primárias - percorrendo o interior do país, em digressão pelas escolas onde divulgou este tipo de arte e o utilizou como um meio de apoio ao ensino.



Com a “Oficina de Teatro de Fantoques, Marionettes e Sombras” dá pequenos cursos de Marionetas e representa espectáculos focando a importância da arte dramática no âmbito da educação e na ajuda ao combate do insucesso escolar.



(1976-77) Como “hobby” frequentava atividades de Montanha, espeleologia e mergulho e de Teatro. Consolidando o seu trabalho profissional com esta arte criou as bases necessárias ao seu trabalho futuro, através de vários cursos de marionetas onde aprendeu técnicas de manipulação e de construção.

Desloca-se ao Senegal com mais 10 animadores do M.C.J., a convite da Secretaria do Estado da Cultura e do F.A.O.J, a fim de participar num intercâmbio cultural com colónias de férias e campos de trabalho, onde realizou um trabalho de divulgação cultural acompanhado de cursos de formação de marionetas, dados aos educadores senegalenses, onde apresenta a peça em



Teatro de Sombras Chinesas: " Maria dos Olhos Grandes e Zé Pimpão " de Canuto Jorge Glória. **«Foi uma experiência muito gira, o pessoal era novo, chegou lá cheio de expectativas, mas a realidade no território africano fazia-nos sentir “tolos” pois a peça falava de prédios altos e brinquedos que os habitantes africanos desconheciam! Tivemos que dinamizar tudo de outra forma e aprendemos muito com isso....»** E gargalhava ao contar estes episódios recordando estes tempos.

Participou e representou esta peça no 1º Encontro Nacional de Fantoques.

(1978) - Participa num curso de Teatro na Comuna, de expressão dramática, orientado por João Mota e tornou-se desde então um autodidacta procurando nos livros a informação necessária á sua nova arte. Mas o entusiasmo que a magia dos fantoches lhe inspirava arrefecia sempre quando confrontado com uma realidade pragmática, sustentada por cifrões, que se queriam estáveis e abundantes, e que arrumavam a bonecada na categoria de passatempo.



Apesar da persistência, o rumo óbvio da vida de Luís Filipe, seria o de continuar como amador.

(1880) Conseguiu um espaço num último andar na Junta de Freguesia das Mercês, no Príncipe Real em Lisboa.

Continuamente, as suas filhas cresciam a seu lado ligadas a este mundo...



Cria um espectáculo de sombras chinesas:

“A criança e a Música” que representa em diversos clubes, escolas e espaços culturais, e faz vários espectáculos para as populações locais.

Filipe, com 30 anos de idade representava em itinerância espectáculos de Marionetas, nomeadamente “O João Poluição”, peça defensora da Natureza, em tudo que era sítio por esse País fora, **«por vezes em condições muito precárias, tínhamos que inventar, conforme o sítio ou o espaço que tínhamos, barracas com panos esticados nas árvores ou pregados nas paredes... eram espectáculos muito activos com grande interacção do público mais jovem.**



Nesta altura também dava vários cursos de marionetas, explorando a polivalência de materiais, a monitores de colónias de férias.» «Foi uma óptima experiência de animação sócio - cultural que me deu boas ferramentas de trabalho para prosseguir, nunca esquecerei».

Participa em vários Encontros Nacionais de Fantoches e, nessas andanças conhece o Mestre Francisco Esteves, um dos bonecreiros que actuavam em Lisboa nos anos 60 e que o levou a conhecer e a ter contacto com o Mestre Bonecreiro António Dias.

“Mestre”, era a categoria que davam às pessoas autodidactas interessadas em aprender uma técnica e uma arte que só passavam para os seus aprendizes! **«Não consegui descobrir o faminto e desejado segredo dos Bonecos... o grande truque da Palheta! ... eles eram uns verdadeiros guardiões da sua tradição.»**



Luís Filipe Baptista veio então a adquirir mais tarde, com um grande orgulho, este seu novo estatuto de **“Mestre Filipe”**.

(1981) Frequentou novos cursos dentro deste âmbito no Instituto de Tecnologia Educativa e fez formação na área de expressão corporal.

(1983) Realiza vários espectáculos no seu espaço para as escolas primárias, desenvolve e cria uma área de teatro de marionetas em conjunto com o ATL a funcionar nas mesmas instalações da Junta, que culmina com a apresentação da peça “A Princesinha Papelotes”, em parte apresentada pela RTP no Programa “A criança e o Livro” e dá o 1º Curso de Fantoches integrado no programa de formação de animadores promovido pela UPAJ



Entretanto o grupo é seleccionado, pela UNIMA (União Internacional de Marionetas), para participar num curso de marionetas no qual são abordadas várias técnicas de construção e manipulação, em L'Institut International de la Marionette, em Charleville-Mézières.

E monta um espetáculo para apresentar no 1º Encontro de deficientes, organizado pela A.P.P.C.

Participam em vários Encontros Nacionais de Fantoches e em Setembro de 1984 no VIII Encontro Nacional de Teatro de Fantoches em Mungalde representa com a sua filha mais velha, Carla Alexandra, com 13 anos de idade, o espectáculo: “A Menina e o Pássaro” de Carlos Correia.



Carla inicia a sua área, ainda sem saber que iria ser uma marionetista, e participa no Atelier de Expressão Dramática dado pelos saudosos Isabel Alves da Costa, Directora do Teatro Marionetas do Porto e pelo João Paulo Seara Cardoso, grande marionetista conceituado nacional e internacionalmente.

(1985) Realiza espetáculos e animações em vários estabelecimentos de ensino primário e preparatório, associações e autarquias, em colaboração com alunos do Conservatório Nacional no Curso de Educação pela Arte – Aprende a técnica de Clown e faz de “Palhaço”



(1986) Como semiprofissional assume a Direcção técnica da Companhia “Lanterna Mágica” juntamente com o marionetista Gualdino.

(1987) Dirige e orienta tecnicamente a montagem da peça: "Camões Aventura de Trinca – Fortes em dia de Corpus-Cristi", de autoria de Manuela de Azevedo, a qual é representada em vários estabelecimentos de ensino preparatório e secundário e o "Marquês de Pombal e os Jesuítas" de Romeu Correia, peças então subsidiadas pela Secretaria de Estado da Cultura e que foram posteriormente a África e Canadá.

(1988) Toma coragem e profissionaliza-se com a formação do grupo **“Mestre Filipe e as Suas Marionetas”**.



Dá cursos de formação, na área de Marionetas para monitores de colónias de férias da UPAJ e da APCC e para o centro cultural e paroquial da Pontinha integrado nos cursos da CEE para a formação de animadores sócio-culturais.

(1989) Monta a peça: "O Menino de Todas As Cores" de Luísa Ducla Soares e segue, mais uma vez, com a sua filha Carla para uma digressão nas escolas do ensino básico de Lisboa, a qual foi subsidiada pelos Serviços de Apoio à Educação da Fundação Calouste de Gulbenkian, alcançando sucessivos êxitos.



Monta "O Circo das Marionetas", um trabalho de sua autoria que, apesar de não estar completo o leva para apresentar na Feira de artesanato de Lisboa sendo mais tarde filmado pela RTP.



Constrói e representa "A Mula da Cooperativa", um fantochão que fazia de bêbedo e que foi, mais tarde, alvo de crítica por parte dos educadores / professores.

Dá cursos de formação para professores e educadores de Infância da Santa Casa da Misericórdia. É professor de Monitores e Coordenador nos Cursos de Colónia de Férias da Upaje e ACM. É coordenador e Monitor na Colónia de Férias de São João da Trapa.

Orienta mais dois cursos integrados na formação de animadores socioculturais, apoiado pela CEE.

Em 1989 torna-se sócio fundador da UNIMA-P.



Em 1990, Carla Alexandra, com a formação na área do desenho, deixa o trabalho de Olaria e assume definitivamente a profissão de Marionetista e, com o seu Pai constrói e realiza todos os trabalhos do grupo.

Sendo obrigados a abandonar o espaço das Mercês ficam uma temporada sem espaço físico para a actividade.

Embora, olhando para trás, o processo possa parecer linear, transpor a fronteira de amador para profissional não foi tarefa fácil.

O Grupo, agora composto por dois elementos, chegou a trabalhar num canil porque não tinham meios para pagar outras instalações. Fizeram o ateliê na sala onde tosquiavam os cães, no Monsanto. Depois numa casa de um familiar no Bairro da Serafina.

(1991) Consegue um protocolo com a Câmara Municipal de Lisboa onde lhes é cedido um espaço nas caves de um prédio no Bairro da Boavista, em Lisboa

E arranja pela 1ª vez um escritório!



(1991-92-93) Dá aulas de formação na área de marionetas e formas animadas num curso de animadores sócio - culturais na escola Profissional e Artística da Marinha Grande, em Leiria.



Numa carreira em ascensão, criam o "Pompom Musical", e tantas outras peças e personagens que têm completado o "Circo das Marionetas" e que têm sido representadas para milhares de crianças em todo o país.

Constroem e atuam com uma pequena peça de animação “Uma conversa entre duas colheres de Pau”; Constroem a “Oficina do Mestre Filipe”; Montam o gigantone “Bolinhas”; Constroem a Boca do Palhação para atuar com o “Circo das Marionetas”; Constroem os palhaços Ricó e Maltrapilhas;



Criam um Gigantone –“ Gigante Adamastor”, que foi estreado aquando da Exposição Fotográfica "A Grande Regata - Voo de Marinheiro" de Jean Doat, que teve lugar no Padrão dos Descobrimentos em Julho de 1993 e que desfilou em vários cortejos de festivais de marionetas;

Na área social, desenvolvem uma Oficina – “Ateliê de arte para a infância e juventude” no Bairro da Boavista em Lisboa, onde pontualmente fazem actividades com crianças do bairro assim como formação para jovens; Constroem os Cabeçudos Traquinas para actuar nos desfiles Carnavalescos.

(1994) Criam um trabalho, para sensibilização á leitura, em marionetas de mesa, intitulado “Os Grandes Livros Animados”, com duas peças “O Soldado João” e “Maria dos Olhos Grandes e Zé Pimpão”. Com este trabalho fazem uma digressão nacional pelas bibliotecas da Fundação Calouste Gulbenkian, apoiada pelo Serviço de Bibliotecas e Apoio á Leitura da mesma fundação.



Ao nível de actividades lúdicas e de ar livre, dinamizam e recriam os Jogos Tradicionais Portugueses, de uma forma original e convidativa para os jovens e sua família.

(1995) Montam o espectáculo de formas animadas: “Animação Pró-ambiente”, o qual é pioneira na sensibilização à limpeza das praias sendo representada em todas as praias de Sintra e Cascais e em várias praias do Pais em prol da Bandeira Azul.

No âmbito dos acordos de intercâmbio artístico e linguístico da CEE entre Portugal, Inglaterra e Irlanda, fez estágio de expressões artísticas, plásticas e teatrais no Halton College (Inglaterra) e Belfast Institute of Further and Higher Education (Irlanda).



Nesse ano entra para o grupo a sua filha mais nova, Filipa Baptista. Em família, o trio funciona e participa em todo o processo do espectáculo, da concepção à encenação, da cenografia á costura.

Esta fórmula fê-los ligar aos nossos antepassados quando uma arte passava de geração em geração... Seguiram então a tradição dos bonecreiros que percorriam terras após terras passando o seu testemunho aos familiares.

Em 1996, Mestre Filipe é reconhecido como formador qualificado para professores de ensino básico e educadores de infância nas áreas de expressões dramáticas e plásticas pelo Conselho Cientifico-Pedagógico da Formação Continua, da Universidade do Minho.

A 25 de Novembro de 1996, são convidados a participar na “Festa da Ciência CICTSUL” promovido pela Escola Politécnica de Lisboa, onde estreiam uma peça de Robertos “Dia da Festa do Telefone” escrita por Rui Jorge Dias (membro da Comissão Organizadora da Festa da Ciencia e da CICTSUL) para a comemoração do aparecimento do telefone em Portugal

Para trabalhar com os mais jovens, leva a cena o espectáculo de marionetas "Hoje há Palhaços", e com estas marionetas de luva faz espetáculos nos infantários. As Marionetas não são um espectáculo exclusivamente para crianças, mas é o público infanto-juvenil o favorito do grupo. **«Quem trabalha para crianças tem de duplicar o profissionalismo. A criança está pura e nós temos de dar toda a qualidade para criar um bom público».**

Mestre Filipe actuava sempre no meio das crianças, proporcionando-lhes tocar e manipular os fantoches, pelo que considerava o seu trabalho interactivo e sensibilizador de novos públicos.

“Mais importante que o aspecto e/ou construção das marionetas é o conteúdo e a informação que chega ao público... Portanto, para lá da imaginação e competência artesã responsável pelo trabalho técnico ligado à Arte da Marioneta está o profundo entusiasmo e dedicação...”

Os textos preferidos da companhia são os contemporâneos, de autores portugueses e com temas actuais como a morte, a pobreza, o racismo, as deficiências, com os quais valorizam o amor, a coragem, o respeito, a amizade, a Humanidade... podendo sempre servir de mote para debates, palestras ou simplesmente discussões e reflexões de sentimentos e atitudes.

Utilizando a marioneta como meio, pretendem que no fim fique um grãozinho no coração de quem assiste aos seus trabalhos.

Não compreende nem esconde a mágoa de lhe ter sido recusado um subsídio: **«Têm o descaramento de dizer “você não são capazes” a um grupo que já existe há mais de 20 anos, que sobrevive e monta espectáculos sem qualquer apoio. O que as pessoas do Ministério da Cultura têm de fazer é sair à rua e ver o trabalho de base».**



Na Oficina, a trabalhar mais como artesão, com avental, ou nos espectáculos, em que assume a pose de artista, vestido integralmente de negro e com boina a acompanhar, está sempre rodeado de marionetas. Ora estão penduradas nas paredes, aguardando reparação **«como um actor tem de estar em boa forma, pois trabalha com o corpo, as marionetas precisam de estar aptas para as mais loucas acrobacias»** ora estão empacotadas ou encaixotadas, à espera de actuar.

«Mais do que fazerem parte da minha vida, os fantoches são a minha vida.»

(1998) Criam o "Jogo Verde" - jogo ecológico, que pretende sensibilizar os jovens para a protecção e conservação do ambiente, higiene pessoal e urbana, segurança, trânsito e comportamentos cívicos.



(1999) Montam e estreiam a peça "Bom Dia Sr^a Morte", da autoria de Pascal Teulade, com a ajuda do Pintor Rui Jorge Dias e o ceramista Américo Abreu.

Pela primeira vez, trabalham em simultâneo com vários grupos etários, colocando em contacto três gerações distintas - crianças/adultos/idosos.

Durante esse ano a companhia representou esta e outras peças que tem em cena, em várias Bibliotecas, Escolas, Praias, Jardins e festivais. Ainda em 1999, fez a construção e manipulação de Marionetas de fio, para spot publicitário contra a droga, para a campanha "Não te deixes enganar - O Ecstasy Não é Inocente". Este spot foi apresentado na televisão e posteriormente através de cartazes, percorrendo todo o País.



(2001) realizam um novo contrato com a C.M. de Lisboa – Gebalis com a cedência de um novo espaço, onde montam o ‘Teatro Oficina i Marionetas’ - **TOIM**, no Bairro do Bom Pastor, em Benfica. Neste espaço, conseguiu uma pequena sala polivalente e de teatro, onde passou a funcionar o Atelier do Grupo.



Aqui, criam e produzem o espectáculo “Há Festa no Coreto” e “O Circus”. Com estes espectáculos, e outros dois (A Festa dos Continentes e Os Grandes Livros Animados), participam na difusão de artes do espectáculo, promovido pelo IPAE.

Participam ainda como nos anos anteriores, em dois eventos de crescente mérito nacional, na FACECO em Odemira e SINTRANIMA em Sintra.

(2002) criam a animação “Espelhos Mágicos”, e fazem digressões com os espetáculos que têm em carteira. Dedicam-se também à realização de Workshops de construção e manipulação de marionetas e, esporadicamente fazem ações para a população local no seu espaço/sede - TOIM.



(2003) No auge da sua carreira, participam em vários Festivais: no Festival de Marionetas Internacional do Porto, na Bienal de Évora e no festival Internacional de Marionetas e Formas Animadas de Lisboa - Fimfa.



Nesse ano, uma doença do foro vascular deixa Luís Filipe tetraplégico. Após vários meses de tratamentos recupera a mobilidade nos membros superiores e, para dar continuidade ao seu trabalho, adapta-o à sua nova condição, apostando num novo projecto a que dá o nome de “BINCA’DEIRA”.

Este projeto consiste numa barraca adaptada a cadeira de rodas, onde o contador de histórias, com a arte mágica das marionetas, consegue representar. **«A vida por vezes prega-nos umas boas partidas, mas parar é morrer.»**

E nunca parou. Vendeu a sua Carrinha Mercedes e comprou um carro de deficiente para se poder mobilizar.



Sempre com ideias brilhantes, a sua imaginação levou-o a prosseguir na sua Profissão.

- Projetou
- Ensaiou
- Deu Espetáculos
- Fez Workshops





Com o seu “boneco” a que deu o nome de “Consciência” ensinava a valorizar o pensamento e a concretizar as ideias que temos... fazendo as crianças acreditar nelas próprias.

O grupo adaptou estrategicamente todo o seu trabalho, desde à conceção e representação dos espetáculos, que, de repente, passara de três para duas pessoas, à sua forma de estar no dia a dia, à adaptação dos espaços.

A falta de acessos e de apoio jurídico, toda a transformação da sua vida particular fazia do nosso Mestre um homem infeliz. «...**fora do palco, sou um homem triste...**»

Apesar de todas as dificuldades, impedimentos e obstáculos, avançou. Representou, evoluiu e lutou. Já se tornara difícil distinguir se é a obra que se assemelha ao criador ou se é ele que vai ganhando a forma e o feitio do produto.

Os traços carregados dos fantoches, para serem perceptíveis ao longe, notavam-se em Luís Filipe, e mesmo a voz meio histriónica dos bonecos, se revelava nas risadas de quem os fez. «**Trato as marionetas por tu**», resume, sem ponta de vaidade.



(2005) Recuperam a peça e constroem o espetáculo “A Princesinha Papelotes”.

(2006) dramatizam, montam e metem em cena a peça “O Tesouro” de Manuel António Pina.



Em abril de 2008, o fundador do grupo, Luís Filipe Baptista, falece, deixando este legado às suas filhas.

No seguimento de todo o trabalho, é decidido criar-se uma Associação que veio substituir logisticamente a firma **Mestre Filipe e as suas Marionetas, unipessoal Lda**, a Cafinvenções

Em suma, a **Associação Cafinvenções** é uma organização comprometida com o desenvolvimento de conteúdos educativos e com a utilização de marionetas como ferramenta pedagógica, com uma vasta experiência no terreno, que, com um repertório diversificado e criativo, oferece espetáculos de marionetas/fantoches de alta qualidade, capazes de transportar o público para universos mágicos e encantados.

